

## DO GREGO AO LATIM – A RELATIVIDADE DA TRADUÇÃO

---

*António Manuel de Andrade Moniz*

### Introdução

A comunicação interlinguística constitui, por imperativos da socialização e da mobilidade dos povos, um dos factores determinantes da própria evolução dos idiomas.

A língua latina, associada, pelo menos, à fundação de Roma (753 a. C.), ainda que desde sempre em contacto com o osco e o úmbrico, viu-se, desde o século VII, confrontada com a colonização grega, ao Sul do território itálico, na zona chamada, por tal motivo Magna Grécia.

Na bagagem, traziam os habitantes do Egeu e do Jónio a sua língua polidialectal, juntamente com a sua economia, a sua cultura e a sua civilização. Mas é, sobretudo, a expansão romana que, com a tomada de Cápuia e Nápoles (c. de 340), de Tarento (272) e de Siracusa, na Sicília (212), já no decorrer da I Guerra Púnica, permite à nova potência militar e marítima assimilar novas informações, novos conhecimentos e novas posturas reflexivas perante a Vida, a Natureza e a condição humana.

As Ciências Matemáticas e Físicas, integradas na matriz questionadora da Filosofia grega, desempenharam, desde os Pré-Socráticos, papel preponderante na formação de um *corpus* lexical que paulatinamente se foi impondo entre os cidadãos mais ilustres de Roma.

O próprio Direito Romano, tão importante na mentalidade e na legislação que dirigia o comportamento colectivo e dirimia as questões conflituais, está estruturado sobre a chamada *Lei das Doze Tábuas*, inspirada na consulta de três cidadãos, no século V, a Atenas, sobre as leis de Sólon e dos costumes de outras cidades gregas.

A Literatura Latina, muito mais tardia do que a Grega, pois só se começa a notar a partir do século IV, é, desde Lívio Andronico<sup>1</sup>, Névio e Énio, profundamente marcada pelo fenómeno cultural do Helenismo.

Com a conquista da Grécia, Roma, mais do que uma potência hegemónica do ponto de vista cultural, continua a ser uma profunda assimiladora da língua, da mitologia, dos costumes, da literatura e das artes do povo conquistado, ampliando e enriquecendo o seu quadro de valores e a sua própria maneira de perceber, representar e questionar o mundo.

Deste modo, a chamada *romanização* dos territórios do Império, tanto a Ocidente como a Oriente, veicula, através da língua latina, conjuntamente com a construção das vias de circulação e dos aquedutos, com a cunhagem de moedas, a deslocação e acampamento das legiões, com a administração da Justiça e a organização política, toda uma cultura que não é apenas Romana, mas, mais propriamente, greco-romana.

Os linguistas costumam teorizar o processo dinâmico da evolução das línguas a partir de noções gerais, entre as quais a da assimilação de estrangeirismos ou barbarismos, por contactos comerciais, militares e culturais. Mas, por que razão determinados vocábulos foram assimilados, enquanto outros foram rejeitados, notando-se também uma adequação quase perfeita entre vocábulos gregos e latinos?

Em geral, trata-se do princípio da carência lacunar a presidir ao fenómeno da assimilação ou empréstimo dos tais estrangeirismos, passando também a constituir neologismos, mais ou menos chocantes, quase sempre introduzidos por via erudita, a par dos contactos oralizantes, por via popular.

Todavia, não haverá algo de relativo que terá escapado à teorização linguística? Eis a questão que abordaremos a partir do levantamento de alguns exemplos lexicais pertencentes a campos semânticos bem determinados, uns de natureza científica, outros de uso quotidiano.

## 1. A relativa autonomia latina face aos helenismos

A relatividade da resistência latina em face da progressiva hegemonia dos helenismos está patente na dificuldade em manter a matriz tradicional de certos vocábulos, de certa forma, associados ao mundo científico ou afim. É o caso da oscilação entre:

τέχνη, técnica

e

ars, arte, técnica.

---

<sup>1</sup> Em 240 a.C., foi representada uma peça de teatro, por ele traduzida do Grego, nos *Ludi Romani*, comemorativos do fim da I Guerra Púnica. Traduziu também a *Odisseia* de Homero, que, como diz Horácio, era aprendida pelas crianças (*Ep.*, II, 1. 69-72).



Com efeito, não foi possível aos Romanos deixarem de integrar, ainda que de modo fugaz e circunscrito, as formas helenizantes: *techna*, com sentido restrito de *ardil*, *astúcia*; e *technicus*, o que ensina as regras de uma arte. As línguas modernas, pelo contrário, privilegiam hoje os vocábulos ligados à forma grega, como *as técnicas*, em vez das *artes e dos ofícios*, como os nossos avós diziam, bem como os derivados: *técnico*, *tecnológico*, *tecnologias*...

De modo análogo, encontramos algumas vezes, ainda que raramente, as formas de origem grega e as de origem vernácula, ligadas à Retórica:

*rhetor / orator*

*rhetorica / oratoria*.

O desenvolvimento da Retórica em Roma estará certamente na origem da predominância das formas latinas, neste campo, ainda que, quanto aos recursos ou figuras de retórica sejam, como veremos, predominantemente, de origem grega.

De modo semelhante, os termos políticos são maioritariamente de tradição latina:

*res publica*, em vez de τό πολιτικόν;

*ciuitas*, em vez de πόλις;

*regnum*, em vez de μοναρχία;

*optimates*, em vez de ἀριστοκρατία;

*ciuitas popularis*, em vez de δημοκρατία

*seruus*, em vez de δοῦλος.

No entanto, também se verifica a oscilação entre formas latinas, como *dictator*, ao lado de *tyrannus* (gr. τύραννος), não ocorrendo, em contrapartida, qualquer vocábulo cognato de δεσπότης, déspota, nem de δημαγωγία (*popularitas*).

A co-ocorrência entre *ethos* (gr. ἔθος), costumes, carácter, e *mos*, bem como dos derivados *ethicus* (gr. ἠθικός) e *moralis*, *ethica* e *moralitas* não têm correspondência com o par *uirtus*/ἀρετή, nem com os nomes das virtudes, que mantêm a designação latina: *fides*, *iustitia*, *liberalitas*, *modestia*, *temperantia*, *grauitas*... O mesmo se refira quanto a valores culturais: *dignitas*, *honor*, *gloria*.

Curiosa é também a manutenção do vocábulo *scientia* (ciência) e seus derivados (*sciens*, que sabe; *scienter*, com conhecimento de causa), provenientes do verbo *scio*, *scire*, saber), em detrimento do termo grego ἐπιστήμη.

Apesar da originalidade helénica na criação da Filosofia, também verificamos a rara coexistência, entre as formas:

*sophus*, *sophos* (do gr. σοφός) e *sapiens*, sábio. Por outro lado, prevaleceram as formas latinas para exprimir os valores culturais:

*cultura* e *humanitas*, *sapientia*, em vez de παιδεία e σοφία.

Pelo contrário, os termos *sophista* (gr. σοφιστής) e *philosophia* (gr. φιλοσοφία), bem como outros que entroncam nesse campo lexical científico, são clara e hegemonicamente assimilados.

No campo pedagógico, registam-se oscilações semelhantes, como: *paedagogus* (gr. παιδαγωγός) e *educator*, preceptor.

No entanto, verificamos a ausência do vocábulo grego Παιδαγωγία, em detrimento da forma autóctone *educatio*, acção de criar, alimentar, ambas ligadas ao mundo da criança (gr. παῖς, παιδός). De modo idêntico, ao verbo grego διδάσκω (ensinar, aprender) correspondem dois verbos plenamente latinos, que separam, em dicotomia, a acção de ensinar (*doceo*) e de aprender (*disco*).

No campo semântico do quotidiano, o vocábulo latino *domus* impôs-se à assimilação de um possível helenismo como: οἰκία, casa. Exceptua-se a forma *oecus/oecos*, salão, sala de jantar, do grego οἰκός. As formas *oeconomicus* (gr. οἰκονομικός) e *oeconomus* (οἰκονόμος) explicar-se-ão por via aristocrática e erudita.

Curiosa é também a resistência da forma *equus*, cavalo, à forma grega ἵππος, prevalecendo também os derivados *equestris*, *eques* e *equinus*.

Por outro lado, se a forma latina *mundus* se impõe à grega κόσμος, bem como o substantivo *ordo* (ordem) e os verbos *ordior* (urdir, tecer) e *ordinor* (pôr em ordem), em relação ao grego κοσμέω (ordenar, adornar), o mesmo não acontece com os derivados helenismos *cosmicus* (κοσμικός) e *cosmographia* (κοσμογραφία), por via erudita e científica. Curiosamente, o vocábulo κοσμητικός, cosmético, adorno, de uso quotidiano, também não vingou em Roma.

De modo oposto, os vocábulos latinos *chaos* (gr. χάος) e *abyssus* (gr. ἄβυσσος), expressivos da desordem, do abismo (sem fundo) e do Tártaro, são helenismos declarados e aceites, a par do vernáculo *vacuum*, vazio.

No campo científico, como veremos, a par da clara hegemonia helenística, encontramos também a concomitância entre formas gregas, como στόφος (cólica), por via erudita, e *uermina*, por via popular.

Na área da mitologia, a par do triunfo dos helenismos, como veremos, verificamos também uma forte preferência pelos nomes latinos dos deuses. Não esqueçamos, todavia, a hábil contaminação entre os deuses autóctones romanos e os assimilados dos Gregos. Assim, embora com funções alargadas, ocorrem as formas latinas:

*Iuppiter*, em vez de Ζεύς

*Minerua*, em vez de Ἀθηνᾶ

*Pluto*, em vez de Πλούτων

*Venus*, em vez de Ἀφροδίτη

*Ceres*, em vez de Δημήτηρ

*Uulcanus*, em vez de Ἡφαιστος

*Neptunus*, em vez de Ποσειδών,

mas também coexistem as formas latinas com as gregas:



*Hércules*, em vez de Ἡρακλῆς  
*Iuno*, ao lado de Hera (gr. Ἥρα)  
*Mars*, em ao lado de *Ares* (gr. Ἄρης)  
*Diana*, ao lado de *Artemis* (gr. Ἄρτεμις)  
*Mercurium*, ao lado de *Hermes* (gr. Ἑρμῆς)  
*Dionysus* (gr. Διόνυσος), ao lado de *Bacchus* (gr. Βάκχος).

## 2. O triunfo dos helenismos

É, sobretudo, por via erudita, que os helenismos triunfam em Roma e, através do Império, em todo o mundo ocidental. No entanto, muitas ciências modernas receberam a sua designação grega directamente, pelos respectivos criadores ou discípulos. É o caso da Química, do grego χυμός (qualidade do que é líquido ou em estado de fusão), da Botânica (Βοτανική), ou da Ornitologia, a partir do vocábulo ὀρνιθολόγος, o que fala das aves (de ὄρνις, ave, e λόγος). Curiosamente, o latim assimilou, por via comercial, o vocábulo *ornithōn*, gaiola (do gr. ὀρνιθών).

Os nomes das ciências e os termos científicos são claramente devedores dos helenismos, já que a Grécia antiga foi pioneira de quase todas as ciências. A Filosofia era a mãe e a rainha de todas elas e só na Modernidade se assiste ao corte umbilical das Ciências experimentais com a sua mãe. É o caso da Física (gr. Φυσική, lat. *Physica*), embora entendida como Ciências da Natureza, em geral, dos derivados *physiologĭa* ou *physiologicus* ou de *physionognōmōn* (fisionomista); da Astronomia (gr. Ἀστρονομία, lat. *Astronomĭa*), da Astrologia (gr. Ἀστρολογία, lat. *Astrologĭa*).

Alguns nomes de animais são também herdados da língua grega: *lynx* (lince, do gr. λύγξ), *rhinocerōs* (rinoceronte, gr. ῥινόκερως), *hippopotamus* (hipopótamo, gr. ἵπποπόταμος, cavalo do rio), *panthēra* (pantera, gr. πάνθηρ), *elephas* (elefante, gr. ἑλέφας), *cynocephālus* (cinocéfalos, espécie de macaco, com cabeça de cão, gr. κινocéφαλος), *cygnus* (cisne, gr. κύκνος), *ophthalmias* (nome de peixe, gr. οφθαλμίας). Modernamente, a partir do adjectivo δεινός (terrível) e do substantivo σαῦρος, lagarto, formou-se o composto *dinossauro*. Do grego κύων, κυνός (cão) formaram-se, por via erudita, os compostos latinos *cynodōn*, *-ontis* (com dentes de cão, dentes caninos, gr. κυνόδους, de κύων, κυνός e ὀδούς, dente) e *cynophānes* (homens com cabeça de cão).

Os nomes de plantas, ou com elas relacionados, pelo contrário, resistiram mais aos helenismos, a não ser os de importação mediterrânica:

*cedrus*, cedro (gr. κέδρος), do Líbano  
*chylos*, suco das plantas (gr. χυλός).

*cyparissus*, cipreste (gr. κυπάρισσος), da ilha grega de Céos)  
*larix*, larício (árvore cornígera, gr. λάριξ)  
*pericarpum*, pericarpo ou pericárpio, bolbo comestível (gr. Περικάρπιον)  
*rhododendron*, rododendro (gr. ροδόδενδρον)  
*stoechas*, rosmaninho (gr. στοιχάς)  
*sycomorus*, sicómoro (gr. συκόμορος), a figueira do Egipto.

Outros termos científicos prendem-se com campos semânticos variados, como:

– a medicina (note-se que os nomes das especialidades médicas são designações modernas, derrivadas do Grego):

*panacea*, panaceia (gr. πανάκεια)  
*chirurgia*, cirurgia (gr. χειρουργία, acção de trabalhar com as mãos)  
*ophthalmicus*, oculista (gr. οφθαλμικός, relativo aos olhos)  
*rheuma*, catarro (gr. ῥεῦμα);

– o corpo humano (grande parte dos termos científicos de origem helénica relativos a membros do corpo humano são adopções modernas e contemporâneas):

*tórax*, tórax (gr. θώραξ)  
*chymus*, quilo (suco do estômago, gr. χυμός)  
*hepaticus*, hepático, do fígado (gr. ἥπατικός)  
*stomachus*, (tubo digestivo (gr. στόμαχος, garganta, orifício do estômago);

– lugares públicos:

*thermae*, termas (gr. θέρμαι)  
*theatrum*, teatro (gr. θέατρον)  
*thermopolium*, taberna onde se vendiam bebidas quentes (gr. τερμοπόλιον)  
*crypta*, gruta (gr. κρόπτη) / *crypticus*, oculto (gr. κρυπτικός)  
*basilica*, grande edifício onde funcionavam os tribunais (gr. βασιλική);

– objectos:

*thesaurus*, tesouro (gr. θησαυρός)  
*thalamus*, leito nupcial (gr. θάλαμος)  
*theca*, bolsa, cofre (gr.θήκη)  
*charta*, papel, registo (gr. χάρτη) / *chartarius*, de papel, fabricante ou vendedor de papel)  
*cothurnus*, coturno (gr. κόθορνος)  
*cratera*, taça (gr. κρατήρ);



– instrumentos musicais:

*cymbalum*, címbalo (gr. κύμβαλον)

*cithara*, cítara (gr. κιθάρα) / *citharista*, citarista

*lyra*, lira (gr. λύρα) / *lyricus*, lírico

*tympanum*, tambor frígio (gr. τύμπανον)

– linguagem musical:

*chorus*, coro (gr. χορός)

*musica*, música (gr. μουσική)

*orchestra*, orquestra, lugar do teatro destinado ao coro (gr. ὀρχήστρα)

*rythmus*, ritmo (gr. ῥυθμός)

*symphonia*, sinfonia, concerto (gr. συμφωνία)

Pela originalidade da criação helénica, privilegiam-se, naturalmente, os helenismos associados aos seguintes campos semânticos:

– a mitologia:

*Chimaera*, Quimera, o monstro fabuloso, de cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão (gr. Χίμαιρα)

*Charon*, Caronte, o barqueiro do Hades (gr. Χάρων)

*Charybdis*, a mulher que roubou os bois a Héracles e por ele foi transformada em sorvedouro no mar da Sicília (gr. Χάρυβδις)

*Chiron* ou *Chiro*, o centauro Quíron (gr. Χείρων)

*daemon*, espírito, génio (gr. δαίμων).

– a filosofia:

*academicus*, filósofo da Academia (gr. Ακαδημικός)

*aenigma*, enigma / *aenigmaticus*, enigmático (gr. αἶνιγμα)

*Cynici*, os Cínicos, partidários de Antístenes, / *cynicus*, cínico, / *Cynismus*, Cinismo (gr. κοινκοί, κοινκό, κυνισμό)

*enthymema*, entimema (gr. ενθύμημα)

*Epicurei*, Epicuristas (gr. Ἐπίκουροι)

*Peripatetici*, peripatéticos, discípulos de Aristóteles (gr. περιπατήτικοι)

*Stoicus*, Estóico (gr. Στωϊκός)

*sylogismus*, cálculo, silogismo (gr. συλλογισμός)

*theoria*, contemplação, especulação, teoria (gr. θεωρία);

– a expressão literária:

*chronica*, crónica (gr. χρονικά)

*epicus*, épico (gr. ἐπικό)

*epigramma*, epigrama (gr. ἐπίγραμμα)

*epilogus*, epílogo (gr. ἐπίλογος)  
*epistula*, epístola (gr. ἐπιστολή)  
*epitaphius*, epitáfio (gr. ἐπιτάφιος)  
*epithalamium*, epitalâmio, composição poética que canta o casamento (gr. ἐπιθαλάμιος)  
*epitheton*, *epithetum*, epíteto (gr. ὄνομα ἐπίθετος)  
*epiphonema*, exclamação, epifonema (gr. ἐπιφώνημα)  
*epiphora*, epífora (gr. ἐπιφορά)  
*epitome*, epítome, incisão, resumo (gr. ἐπιτομή)  
*epodos*, *epodus*, epodo (gr. ἐπῶδος)  
*epos*, palavra, epopéia (ἔπος)  
*hymnus*, canto, poema, hino (ὕμνος)  
*synthesis*, síntese (gr. σύνθεσις)  
*thema*, tema (gr. θέμα);

– as figuras de retórica:

*allegoria*, alegoria (gr. ἀλληγορία)  
*anastrophe*, anástrofe (gr. ἀναστροφή)  
*hyperbaton*, inversão, hipérbato (gr. ὑπερβατόν)  
*hyperbole*, hipérbole (gr. ὑπερβολή);

– a escola:

*gymnasium*, ginásio (gr. γυμνάσιον)  
*paedagogus*, pedagogo (gr. παιδαγωγός)  
*palaestra*, palestra, sala de luta, escola (gr. παλαίστρα)  
*schema*, esquema (gr. σχῆμα)  
*schola*, escola (gr. σχολή).

Por outro lado, a escrita das epístolas de S. Paulo e outros apóstolos, bem como da maior parte dos textos evangélicos, além dos primeiros concílios ecuménicos, na língua grega, permite desenvolver grande parte dos termos e conceitos cristãos naquela língua:

*Christus*, Cristo, (gr. ὁ Χριστός)  
*christianismus*, Cristianismo (gr. χριστιανισμός)  
*christianus*, cristão (gr. χριστιανός)  
*clerus*, segregado, clero (κλήρος)  
*diocesis*, governo de uma casa, diocese (gr. διοίκησις)  
*ecclesia*, assembleia, Igreja (gr. ἐκκλησία)  
*eucharistia*, eucaristia (gr. εὐχαριστία)  
*epiphania*, aparição, manifestação, epifania (gr. ἐπιφάνεια).



## **Conclusão**

Como vemos, apesar do estudo linguístico dos factores intervenientes na assimilação ou rejeição de helenismos pela língua latina, quer por via popular quer por via erudita, não é possível determinar com precisão os motivos que acabam por originar diferentes opções dentro do mesmo campo semântico. É o caso, por exemplo, na área da mitologia, dos nomes de deuses.

Esta relatividade de escolhas permite-nos aquilatar da complexidade do processo de formação de palavras em qualquer língua, designadamente nas línguas clássicas.